

Recebido em: 15/04/2022

Aprovado em: 30/05/2022

Publicado em: 30/09/2022

O DISCURSO FREUDIANO E O SEU DUALISMO EPISTÊMICO-METODOLÓGICO

o problema da *querela dos métodos* em psicanálise

FREUDIAN DISCOURSE AND ITS EPISTEMIC-METHODOLOGICAL DUALISM

the problem of the *method dispute* in psychoanalysis

Yonetane de Freitas Tsukuda¹
(yonetane.tsukuda@gmail.com)

Resumo: O dualismo epistêmico-metodológico característico do discurso freudiano sempre foi objeto de controvérsia no cerne da reflexão filosófica que se ocupou da psicanálise. Desde então, surgiram dois tipos de leituras com enfoques distintos e por vezes excludentes: uma leitura hermenêutica com ênfase na clínica freudiana e na técnica de interpretação dos fenômenos psicológicos; outra com um viés naturalista, considerando a metapsicologia como uma “metáfora psicológica” que poderia ser inteiramente substituída por uma linguagem afinada com as ciências naturais e com o avanço das pesquisas neurobiológicas. Nosso estudo defende que estas leituras produziram uma mutilação no âmago do discurso freudiano, e propõe que a especificidade deste reside numa articulação entre os registros naturalista e do campo da linguagem, argumentando que a problemática inaugural da psicanálise incide sobre as interações entre o sistema nervoso e o psíquico, constituindo o campo psicanalítico na interseção entre a biologia e a cultura.

Palavras-chave: Freud. Linguagem. Metapsicologia. Naturalismo. Psicanálise.

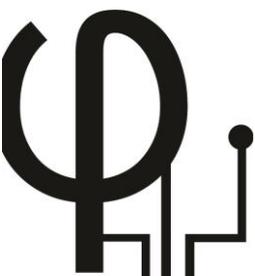
Abstract: The epistemological and methodological dualism characteristic of the Freudian discourse has always been an object of controversy at the center of the philosophical reflection that has dealt with psychoanalysis. Since then, two types of readings have emerged with different and sometimes excluding approaches: a hermeneutic reading focused on the Freudian clinic and on the technique of interpreting psychological phenomena; another with a naturalistic bias, considering metapsychology as a “psychological metaphor” that could be entirely replaced by a language in tune with the natural sciences and the advancement of neurobiological research. Our study sustains that these readings produced a mutilation at the heart of the Freudian discourse, and proposes that its specificity lies in an articulation between the naturalism and the language, arguing that the inaugural issue of psychoanalysis focuses on the interactions between the nervous system and the psychic, constituting the psychoanalytic field at the intersection between biology and culture.

Keywords: Freud. Language. Metapsychology. Naturalism. Psychoanalysis.

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e bolsista CAPES, Mestre em Filosofia e Graduado em Psicologia pela mesma instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3107786994804444>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8045-500X>.



1 O DISCURSO FREUDIANO E O SEU DUALISMO EPISTÊMICO-METODOLÓGICO: A METAPSIKOLOGIA E A CLÍNICA COMO DOIS NÍVEIS TEÓRICOS DISTINTOS

Ao longo do percurso de seu pensamento, Freud foi sempre categórico em afirmar a identificação da psicanálise com as ciências naturais (*Naturwissenschaften*). Em sua obra, são inúmeras as passagens em que enfatizou o pertencimento da ciência psicanalítica ao domínio da natureza, propondo inclusive que, à medida que o desenvolvimento tecnológico pudesse prover a investigação científica de métodos experimentais mais eficazes, as suas teorizações especulativas metapsicológicas fossem futuramente substituídas por um solo conceitual mais condizente com uma terminologia naturalista.² Conceitos como *energia psíquica*, *catexia* (*Bezetsungen*), *excitação somática*, *processos primário e secundário*, assim como o seu modelo esquemático do *aparelho psíquico* em seus aspectos *tópico* (instâncias, sistemas), *dinâmico* (forças) e *econômico* (energias), são todos traços que denotam um positivismo fiscalista em perfeita consonância com a sua formação científica.

Em contrapartida, o que permitiu à psicanálise se tornar amplamente reconhecida foi a atividade clínica de Freud, justamente por esta se tratar de uma técnica terapêutica inovadora, operando exclusivamente numa dimensão psicológica através da fala proferida pelos pacientes e endereçada à figura do analista – privilegiando-se, pois, a dimensão intersubjetiva implicada na relação analítica. O essencial desta clínica consiste numa *técnica de interpretação* do discurso produzido pelos pacientes onde o *sentido* dos sintomas seria decifrado a partir de *representações* que foram separadas dos seus *afetos* correspondentes e, em seguida, recalçadas no sistema psíquico inconsciente – formulações que permitiram a postulação das hipóteses de uma clivagem psíquica e de um descentramento da consciência. O sucesso terapêutico adviria de uma religação entre a *representação* ora recalçada e a sua contraparte *energética* – o afeto –, de modo a dissolver o sintoma pela via da interpretação analítica. Não é de se espantar, portanto, que a psicanálise, ao menos enquanto terapêutica, tenha sido frequentemente identificada como um tipo de *hermenêutica da subjetividade*, reconhecendo-a como uma teoria localizada no *campo da linguagem e do sentido* e pertencendo, conseqüentemente, ao âmbito das ciências humanas ou do espírito (*Geisteswissenschaften*).

² Cf. S. Freud: *A interpretação dos sonhos* (1900), *O interesse científico da psicanálise* (1913), *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-17), *Além do princípio do prazer* (1920), *Compêndio de psicanálise* (1938-40), entre outros.

Neste ponto não podemos deixar de assinalar o estranho contraste entre estas duas facetas da psicanálise freudiana, apresentando-se ora como uma *ciência natural* versando sobre quantidades energéticas que atravessam tópicos psíquicas; ora como uma *ciência humana* que investiga os processos de significação e produção de sentido de um sujeito singular concreto vinculado ao seu contexto semântico (social e histórico). Ademais, possui como premissas teoremas com pretensão de validade universal e/ou transcendental (*Complexo de Édipo, castração, sexualidade infantil, recalque primário* etc.). Tudo se passa, portanto, como se a psicanálise operasse em dois níveis teóricos distintos, porém intercambiáveis³:

- 1) O nível da clínica, ou seja, um conjunto de técnicas e preceitos explicitamente psicológicos que ordena a terapêutica psicanalítica, baseando-se na positividade dos *fatos clínicos* e na interpretação da fala em *associação livre* dos sujeitos e das relações destes com a figura do analista e com a própria terapêutica – a *transferência* –, ensejando a Freud o desenvolvimento de uma problematização própria sobre o campo da linguagem e do sentido, além da elaboração de uma peculiar *teoria das representações*;
- 2) O nível da metapsicologia, uma superestrutura conceitual especulativa que estabelece uma teorização fundamental sobre o psíquico em suas articulações com o somático-corporal – e que, baseando-se em pressupostos fisicalistas e biológicos, retoma com originalidade o tradicional problema das relações entre o cérebro e a mente –, almejando o ordenamento teórico dos fenômenos observados na clínica, sobretudo articulando as dimensões da *representação* (psíquico) e da *energética* (somático).

É importante enfatizar que, embora se tratem de dois níveis teóricos distintos e bem delimitados, estes níveis sempre se articularam no conjunto da obra freudiana produzindo uma complementariedade: a construção da metapsicologia se deu como uma série de hipóteses que estiveram constantemente sendo submetidas a um reexame crítico e a reformulações em acordo com as novas observações dos fenômenos clínicos. A clínica, portanto, sempre foi uma espécie de “laboratório” para o cientista Freud. Alguns exemplos deste constante reexame crítico da metapsicologia são: a reformulação da *teoria da sedução*, produzindo-se o conceito de *fantasia*; a introdução do conceito de *narcisismo* após uma reflexão sobre a psicose paranoide apresentada no caso Schreber; e o desenvolvimento de um novo dualismo pulsional a partir do conceito de *compulsão à repetição*, resultando nos conceitos de *pulsão de vida e de morte*⁴.

Este inusitado dualismo epistêmico-metodológico praticado por Freud, por vezes considerado o sintoma de uma cisão irreconciliável no íntimo da própria teoria psicanalítica –

³ Cf. Japiassu, 1998; Mezan, 2014; Monzani, 2014.

⁴ O trabalho de Monzani, *Freud, o movimento de um pensamento* (2014), examina este tema em profundidade.

o que supostamente seria, portanto, um indício de fragilidade epistêmica –, sempre foi objeto da reflexão filosófica, dando origem a uma diversidade de leituras sobre o caráter epistemológico essencial do discurso freudiano. Fundamentando-se nas pressuposições epistêmicas, metodológicas e, em última instância, ontológicas instituídas pelo debate proporcionado pela *querela dos métodos* (*Methodenstreit*), a questão que sempre se colocou foi se não seria possível examinar minuciosamente o discurso de Freud e identificar elementos que permitiriam a sua reelaboração num modelo epistemológico de ciência já bem delineado, proporcionando à psicanálise o seu assentamento em um solo epistemológico considerado mais sólido. De maneira geral, poderíamos agrupar estas leituras em dois tipos: uma de caráter *hermenêutico*, privilegiando a dimensão clínica e a interpretação dos conteúdos inconscientes; e outra *naturalista*, privilegiando as formulações neurológicas e os pressupostos fisicalistas e biológicos presentes em toda a obra de Freud⁵.

A seguir, discutiremos as características mais gerais das interpretações epistemológicas do discurso freudiano, identificando os seus principais autores. Antes, porém, faremos uma sucinta apresentação sobre a querela metodológica a fim de contextualizar a sua problemática no seio das leituras filosóficas da psicanálise.

2 AS LEITURAS FILOSÓFICAS DA PSICANÁLISE ORIENTADAS PELA *QUERELA DOS MÉTODOS* E A ESPECIFICIDADE DO DISCURSO PSICANALÍTICO

A disputa metodológica entre as ciências naturais e humanas, surgida no ambiente neokantiano alemão ao fim do século XIX – mesmo período em que Freud formula as suas primeiras teses que dariam origem ao aparato conceitual da psicanálise –, foi decisiva para o pensamento contemporâneo, uma vez que grande parte da atividade epistemológica atual ainda se norteia por esta oposição fundamental. Oriunda de uma crítica ao projeto iluminista do século XVIII que apresentava como objetivo estender a racionalidade construída a partir do modelo da física de Galileu e Newton a todos os âmbitos da sociedade, sobretudo os campos de conhecimento os quais estariam sob a égide do positivismo comteano, esta oposição ao que foi considerado um naturalismo desenfreado teve como principais representantes os filósofos neokantianos alemães Rickert, Windelband e Dilthey. É de importância capital a obra deste

⁵ No seio da Filosofia da Psicanálise brasileira, temos alguns excelentes trabalhos que discorrem sobre as diversas interpretações filosóficas do discurso freudiano. Dentre estes diversos trabalhos, destacamos os de Simanke e Caropreso (2011) e de Monzani (1991; 2014).

último, *Introdução às ciências humanas*, publicada em 1883, ano considerado o marco desta revolução epistêmico-metodológica, quando é edificada uma oposição sistemática ao modelo instituído pelas ciências da natureza (ASSOUN, 1983).

Segundo Simanke (2009), esta discussão tinha como fundamento a antinomia kantiana entre *natureza e liberdade*, estipulando não somente uma diferença metodológica, como também, e sobretudo, ontológica, não sendo possível investigar determinados objetos produzidos especificamente pela atividade humana a partir de uma perspectiva naturalista. Neste sentido, disciplinas como o direito, a história, a gramática, a crítica literária etc. deveriam ser todas reunidas como um conjunto das ciências humanas, uma vez que se tratavam exclusivamente de objetos não-naturais ou artificiais. Com efeito, estariam assim fundados dois campos de conhecimento independentes e, ao menos a princípio, bem delimitados, os quais, de certa forma, também seriam concorrenciais: as ciências da natureza e as ciências humanas, par antagônico que estaria sinalizado pela dicotomia entre os métodos que *explicam* (*erklären*) e os que *compreendem* (*verstehen*). Vejamos sucintamente seus principais delineamentos.

As ciências da natureza teriam como método de investigação a *explicação*, pretendendo teorizar sobre os fenômenos a partir do modelo de investigação das físicas galilaica e newtoniana e da concepção de natureza possível a partir desta racionalidade. Como observa Assoun (1983), o objeto natural é tomado como exemplo de toda a sua classe, cujo objetivo repousa na busca por aquilo que seria universal, implicando a construção de leis válidas para todos os fenômenos agrupados sob a mesma classe. A experimentação controlada seguida pela previsão da ocorrência dos fenômenos torna-se possível neste modelo, pois o universal é tido como o *ideal* sempre encontrado no *particular*. Distintamente da explicação naturalista, as ciências humanas encontrariam o seu fundamento metodológico na *interpretação* e na *compreensão* – enfatizando o campo da linguagem e a dimensão do sentido –, tomando como modelo de investigação a hermenêutica. Devido à singularidade de cada fenômeno investigado – indivíduos e suas subjetividades, as civilizações, obras de arte, sistemas políticos e econômicos etc. –, não haveria, portanto, a possibilidade de se encontrar um universal nos objetos históricos. O objetivo, nas ciências humanas, seria então apreender as significações dos fenômenos em suas articulações internas, estabelecer relações com outros sistemas, seja ao identificar similaridades, seja ao explicitar as suas diferenças. Aqui fica evidente a aproximação entre a atividade clínica de Freud e os textos de psicanálise aplicada à cultura e à sociedade com a metodologia das humanidades, o que serviria como uma justificativa parcialmente válida para a interpretação filosófica do tipo hermenêutica. Começemos por esta.

Este primeiro tipo de leitura, geralmente de inspiração marxista e/ou fenomenológico-hermenêutica, opera um recorte no campo psicanalítico, considerando que a dimensão da clínica freudiana, com a sua teorização do sentido e a sua técnica de interpretação, é o seu nível mais essencial. Sugere, portanto, que Freud, por não possuir um instrumental epistêmico-metodológico adequado ao campo de fenômenos sócio-históricos com que se defrontava, lançou-se numa perspectiva naturalista, fisicalista e energetista em decorrência da formação científicista de sua juventude, cujo naturalismo positivista contido em sua metapsicologia corresponde muito mais a uma limitação e/ou deficiência epistemológica do que propriamente uma característica inerente à teoria psicanalítica. Haveria, mesmo, uma cisão radical no âmago do discurso freudiano, considerando a clínica e a metapsicologia como dois níveis teóricos rigorosamente irreconciliáveis, tal como atesta o título do trabalho de Dalbiez *O método psicanalítico e a doutrina de Freud* (1947). Ilustrando esta cisão, Hyppolite afirma:

A psicanálise freudiana tal como aparece no estudo concreto do caso de Dora, do homem dos lobos, do pequeno Hans, do procurador Schreber, *mostra-se um método concreto e fecundo que é mais a descoberta de uma problemática do que um sistema pronto*. No entanto, se a leitura das obras de Freud nos dá essa impressão, essa leitura não acontece sem nos provocar uma surpresa e uma decepção. *Há um contraste evidente entre a linguagem positivista de Freud (a topologia do ego, do id, do superego, por exemplo) e o caráter da pesquisa e da descoberta*. (HYPPOLITE, 1989, p. 34, *grifos nossos*)

Como antídoto ao que se consideraria um vício epistemológico, propõe-se uma espécie de depuração do campo psicanalítico expurgando os resquícios deste suposto naturalismo positivista praticado por Freud, ato que deu origem a uma série de investigações que procura aproximar a psicanálise de uma antropologia e/ou hermenêutica filosófica. Além de Dalbiez e Hyppolite, alguns outros propositores desta rejeição ao naturalismo freudiano são Politzer (1975), Heidegger (2009), Habermas (2014), Binswanger (1970) e Loparic (1997).

Ainda em conformidade com esta leitura hermenêutica, a opção de Freud por uma linguagem e terminologia acentuadamente psicológicas em *A interpretação dos sonhos* (1900) poderia ser tomado como um ponto de ancoragem para o desenvolvimento de uma *ruptura com o naturalismo*, pois, supõe-se, seria a partir daí que haveria uma predominância metodológica da *compreensão hermenêutica* sobre a *explicação naturalista*. Monzani comenta:

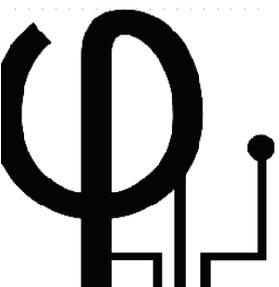
[...] considera-se frequentemente que *A interpretação dos sonhos* é o momento de gênese do discurso psicanalítico, sua certidão de nascimento. Várias razões sustentam essa opinião sobre a obra: a instauração de uma *nova região do saber*, a decifração metódica das leis que regulam o funcionamento

desse novo espaço, a instauração do trabalho psicanalítico como pesquisa dos efeitos desse campo no plano consciente (sonho, atos falhos, sintomas), efeitos que se revelam basicamente como efeitos de *sentido*, sentido velado, escondido, que é mister pôr a nu. Nessa perspectiva, o trabalho de uma decodificação do sentido estaria no âmago da teoria psicanalítica, de sorte que nada mais justo do que caracterizá-la como uma teoria do sentido, uma hermenêutica específica e particular, cuja característica principal é decodificar os efeitos de sentido por meio da articulação de uma teoria na qual o sujeito está essencialmente descentrado. Muito mais que produtor de um sentido, o sujeito se vê agora como o suporte de uma significação que se anuncia através dele, como mero suporte de uma ação operada por um outro (*das andere*) que, paradoxalmente, está em nós sem se confundir com nosso “ego”. (MONZANI, 2014, p. 62)

Em decorrência desta ruptura, haveria, então, dois Freuds: um primeiro, ainda neurólogo, dedicado às pesquisas sobre o cérebro e o sistema nervoso; e um segundo, este sim o verdadeiro psicanalista, já então psicólogo e/ou hermeneuta, explorador dos fenômenos de uma mente cindida em processos conscientes e inconscientes, manifestando processos normais e patológicos, individuais e coletivos, partindo dos sonhos, atos falhos, sintomas e chistes às formações culturais como as religiões, a filosofia e as obras de arte, numa jornada em busca de suas significações ocultas, pois estas estariam alojadas numa dimensão inconsciente. Nesta perspectiva, o mais próprio da psicanálise seria encontrado, portanto, ao lado dos processos de simbolização, desconsiderando-se ou relegando a segundo plano de importância o registro biológico, haja vista que este seria inapropriado e demasiado cientificista, encontrando-se aquém, em sofisticação epistemológica, do campo de saber propriamente psicanalítico inaugurado por Freud.

Neste sentido, Japiassu comenta que estas leituras hermenêuticas afastariam a psicanálise da racionalidade científica comum, blindando-a – de forma nem sempre tão produtiva, frisamos – do confronto com as críticas realizadas pela filosofia das ciências que tomam como modelo de cientificidade as ciências da natureza:

[...] essa perpétua atividade de simbolização das simbolizações originárias é específica da psicanálise, embora a atividade autossimbolizante do homem seja comum às demais ciências humanas. E é justamente por causa da importância dessa atividade de simbolização, não somente na análise, como meio terapêutico, mas como um modo de constituição dos seres humanos, que muitos autores situam a psicanálise, preferencialmente, do lado das disciplinas *hermenêuticas*, recusando-lhe o estatuto de ciência, pois ela seria um saber indo além e diferente do saber propriamente científico. (JAPIASSU, 1998, p. 35)



O segundo tipo de leitura, de ênfase naturalista, surgiu posteriormente e foi proposto por Monzani (2014) denominá-lo como ‘continuísta’. Esta interpretação busca apoio na própria afirmação freudiana de que a psicanálise é uma ciência natural, argumentando que a ruptura epistemológica no discurso freudiano apontada em *A interpretação dos sonhos* estaria somente na superfície, pois as principais teses naturalistas das primeiras investigações neurológicas de Freud ainda estavam presentes de maneira implícita (ou explícita, a depender de como o texto freudiano for lido) em toda a sua metapsicologia. Na concepção continuísta, o discurso psicanalítico, em essência, seria tão somente:

[...] a realização unitária de um projeto naturalista e sob o eixo de uma continuidade ininterrupta, que nunca é abalada por cortes ou cesuras. Em particular, está em oposição à interpretação que faz [...] da *Traumdeutung* um ponto de ruptura e de instauração do sistema. (MONZANI, 2014, p. 74)

O ponto de sustentação desta perspectiva são os textos neurológicos de Freud considerados ainda pré-psicanalíticos, principalmente o *Projeto* de 1895, publicado postumamente apenas em 1950, e cuja divulgação produziu como efeito a renovação da boa-fé numa interpretação neurológica e biológica da psicanálise freudiana. Embora haja o predomínio de uma linguagem neurofisiológica nestes trabalhos, é possível reconhecer que realmente já se desenvolvem teses fundamentais para a metapsicologia freudiana, algumas das quais estarão presentes no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Para os adeptos desta perspectiva, que tem sido impulsionada cada vez mais pelos avanços das neurociências desde a década de 1960, o *Projeto* poderia ser interpretado como neurologia, neuropsicologia ou mesmo neurobiologia, e as elaborações teóricas posteriores, ainda que numa linguagem ostensivamente psicológica, estariam em perfeita continuidade com o naturalismo positivista de 1895⁶. Conclui-se, então, que Freud teria se utilizado largamente de uma linguagem psicológica principalmente em função das limitações impostas pelo desenvolvimento restrito da pesquisa neurológica de sua época, quando a verificação empírica e a descrição neurofisiológica dos processos cerebrais ainda não se faziam possíveis, restando a Freud somente a provisória ferramenta da especulação psicológica. Neste cenário, a metapsicologia freudiana figuraria apenas como uma ‘metáfora psicológica’ podendo ser substituída integralmente sem prejuízos para a psicanálise como um todo e, uma vez renovado o seu aparato metodológico e conceitual, suas teses poderiam ser submetidas à comprovação ou refutação empírica pelos métodos experimentais mais

⁶ São autores que sustentam e compartilham desta posição epistemológica: K. Pribram e M. Gill, 1976; F. Alexander, 1976; D. Rapaport, 1982; F. Sulloway, 1992; Paes de Barros, 1998; dentre outros.

sofisticados das neurociências atuais, respeitando-se as exigências dos epistemólogos das *ciências duras*⁷. Com efeito, nestes moldes a metapsicologia poderia ser parcialmente adequada à proposta popperiana, a qual a considera um promissor *programa metafísico* de pesquisas passível de ser realizado no futuro, em decorrência do desenvolvimento de novas técnicas de investigação (POPPER, 1994).

Temos, assim, duas vias de leitura da obra freudiana bastante distintas e que, em certa medida, podem mesmo ser tomadas como excludentes. Embora nos seja necessário enfatizar que ambas as perspectivas produziram, cada uma a seu modo, contribuições importantíssimas tanto para a psicanálise quanto para as atividades filosófica e científica, justamente por isto preferimos conservar uma postura cautelosa diante da escolha de uma em detrimento da outra. Nossa cautela, entretanto, é fruto de um questionamento mais fundamental, no qual se coloca a pergunta sobre em que medida a opção por uma destas vertentes não implicaria uma mutilação da própria ciência psicanalítica, uma vez que este dualismo metodológico poderia ser não um aspecto da fragilidade epistemológica de Freud – como comumente tem sido alegado –, mas uma característica inerente ao próprio discurso freudiano e mesmo, talvez, precisamente uma de suas maiores virtudes (JAPIASSU, 1998; SIMANKE, 2009; MONZANI, 2014). Nosso posicionamento, assim desejamos, afina-se com o pensamento epistemológico de Lebrun:

[...] cada ciência deve ser considerada antes de tudo naquilo que ela tem de diferente e único, que deve ser encarada como um objeto dotado de um funcionamento singular. [...] nenhuma ciência deve apresentar-se como uma constelação de “verdades”, mas se oferecer como tema possível de um exame *histórico* ou *filológico*: a) *histórico*: as ciências são aventuras contingentes (da razão... se não podemos dispensar um personagem e suas proposições podem ser tratadas enquanto *acontecimentos* [...]); *filológico*: é possível conferir-lhe o estatuto de um *texto* e considerar cada uma delas como um *corpus* de fórmulas (enunciados, protocolos, indicações de pesquisa...) no qual se deposita um trabalho coletivo, cujas articulações exprimem escolhas ou decisões. (LEBRUN, 2006, pp. 137-138, *grifos do autor*)

Seguindo as orientações de Lebrun, um devido entendimento do discurso freudiano deve evitar uma leitura forjada a partir de um esquema conceitual que lhe é externo, tal como as leituras filosóficas dos tipos hermenêutica e naturalista realizaram ao longo das últimas décadas. Em ambos os casos se realizou uma fratura epistemológica da ciência psicanalítica,

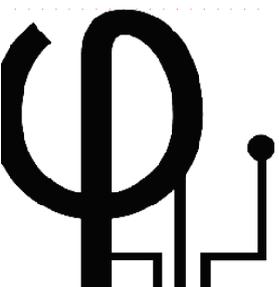
⁷ Ressaltamos que não se trata, aqui, de meramente refutar Freud ou mesmo rejeitar a cientificidade da psicanálise tomando-a como uma “pseudociência”, mas sim de buscar uma interessante aproximação e articulação do campo psicanalítico com as neurociências contemporâneas, uma vez que muitas teses metapsicológicas freudianas têm sido confirmadas pela pesquisa neurocientífica atual. Cf. Pribram e Gill, 1976; Solms e Saling, 1990; Kaplan-Solms e Solms, 2004; Soussumi, 2006; Ribeiro, 2010; Simanke e Caropreso, 2011; Bezerra Jr., 2013.

ocorrendo a rejeição da metapsicologia freudiana, seja por julgá-la inadequada em função dos seus pressupostos naturalistas, fisicalistas, energetistas e biológicos, seja por tomá-la como uma estrutura conceitual meramente especulativa e provisória, a qual poderia ser inteiramente substituída sem prejuízos. Nosso trabalho, ao contrário, pretende demonstrar que esta tentativa de articulação entre o *naturalismo energético* e o *campo da linguagem* consiste num aspecto central da teorização freudiana que perpassa todo o *corpus* de sua obra, sendo indispensável o resgate de sua dignidade e importância para o futuro da psicanálise e sua integração aos debates filosófico e científico contemporâneos. Como bem observa Monzani, o próprio Freud parecia não se incomodar com esta dualidade epistêmico-metodológica em seu discurso:

Assinalemos o quanto essa clivagem é estranha ao discurso de Freud, o qual, no decorrer de sua obra, jamais deu a entender que vislumbrava qualquer espécie de contradição entre uma técnica de decifração do sentido operada na prática analítica e a sua montagem teórico-conceitual, que procurava dar conta dessa prática. Aos olhos de Freud, tudo indica, não havia a menor contradição, o menor espaço, entre esses dois domínios. (MONZANI, 2014, p. 72)

Sendo a articulação entre o natural e o hermenêutico uma problemática presente em toda a obra de Freud, indagamo-nos, então, se não haveria uma devida harmonização entre estes dois registros a ponto de nos autorizarmos a afirmar não existir cisão ou incoerência epistemológica no interior do discurso freudiano, mas sim a constituição de um *método híbrido* com aspectos tomados simultaneamente das ciências naturais e das ciências humanas, o que não permitiria a absorção completa da psicanálise por nenhum dos dois paradigmas previamente estabelecidos (*naturalista* ou *hermenêutico*). Neste sentido, nossa proposta se aproxima da tese ricoeuriana de que a psicanálise consistiria numa “disciplina mista, cujo estatuto ambíguo explica as hesitações dos epistemólogos no que diz respeito ao seu lugar entre as ciências” (RICOEUR, 2010, p. 60).

A fim de verificar esta possibilidade, seria importante resgatar, num primeiro momento, os traços mais fundamentais da problemática inaugural do discurso freudiano, articulando-a com o contexto filosófico e científico do fim do século XIX, e identificando quais os impasses epistemológicos, metodológicos e ontológicos que o levaram à formulação do campo psicanalítico em sua especificidade. Neste trabalho, contudo, somente poderemos apresentar algumas indicações gerais de como realizar esta tarefa.



3 A PROBLEMÁTICA INAUGURAL DO DISCURSO FREUDIANO: AS RELAÇÕES INTRÍNSECAS ENTRE O SOMÁTICO, O PSÍQUICO E A LINGUAGEM

O período final do século XIX consistiu num ponto de convergência de diversos problemas filosóficos, epistemológicos e científicos decisivos para a ruptura com a modernidade, possibilitando, assim, a emergência do pensamento contemporâneo. Dentre estes problemas, podemos apontar três principais, identificando os seus aspectos mais gerais: 1) a *querela dos métodos* – que já vimos brevemente; 2) o problema das *relações entre o cérebro e a mente*, o qual se originou ainda na Antiguidade e ganhou fôlego renovado na segunda metade do século XIX, sobretudo em decorrência do desenvolvimento de novos métodos experimentais de investigação no âmbito da neuropsiquiatria austro-alemã, com a hegemonia do método anatomopatológico, o que possibilitou o estabelecimento das teorias do localizacionismo cerebral (CANGUILHEM, 2006); 3) a tematização da *linguagem* enquanto um problema filosófico específico, partindo de uma perspectiva que rejeitava o *psicologismo* e a vinculação das investigações sobre a linguagem aos âmbitos do psicológico e/ou do natural, propondo, como solução, uma abordagem renovada nos campos da hermenêutica ou da lógica (CASSIRER, 2001)⁸.

Embora se tratem, evidentemente, de problemas distintos, podemos traçar uma série de aproximações e articulações entre eles, o que nos aduz a considerar que, ao menos em algum nível, todas as principais correntes do pensamento contemporâneo – incluindo-se aí a psicanálise – debruçam-se sobre estas problemáticas, seja tomando-as como principal objeto, seja conservando-as como pano de fundo. É justamente neste cenário de rupturas, deslocamentos e reapropriações que surgem as primeiras teses freudianas que desembocaram na psicanálise. Trabalhos neurológicos como os verbetes de 1888 *Aphasia, Brain e Hysteria*, a monografia *Sobre a concepção das afasias* e o *Projeto de uma psicologia*, importantes textos clínicos como os *Estudos sobre a histeria* (1883-5) e *As neuropsicoses de defesa* (1894), além do marco teórico *A Interpretação dos sonhos*, foram todos concebidos neste período final do século XIX, abordando as problemáticas específicas dessa época, elaborando-as num outro nível de complexidade e inaugurando, como afirma Birman (1993), um campo de pesquisas original. Deste modo, um exame dos textos que compõe este período pré-psicanalítico deve significar mais do que apenas um interesse histórico por parte dos pesquisadores da área, posto que permite identificar e elucidar quais foram os impasses científicos, epistemológicos e

⁸ Destacam-se aqui as investigações inauguradas pela lógica de G. Frege, a fenomenologia de E. Husserl e a semiótica de C. S. Peirce.

metodológicos que demoveram Freud do âmbito de uma neuroanatomofisiologia experimental estrita para uma investigação de cunho mais psicológico, apoiando-se, sobretudo, numa problematização sobre a linguagem e o sentido, mas sem jamais abandonar os seus pressupostos naturalistas ou deixar de lhes fazer referência. Fazemos uma rápida exposição do percurso freudiano mencionado.

Ao fim do século XIX, época em que Freud realizou a sua formação médica e científica, havia a predominância do método anatomopatológico no campo da neuropsiquiatria austro-alemã, o qual consistia na correlação dos sintomas clínicos com lesões neuroanatômicas observadas nos exames autópticos. É neste cenário que se consolidam as teses da doutrina do localizacionismo cerebral, cujos principais expoentes eram Wilhelm Griesinger e Theodor Meynert – este último foi professor de Freud, e com ele travou um interessante embate teórico ao longo de diversos trabalhos e artigos.⁹ De modo sucinto, o localizacionismo afirmava a existência de regiões anatômicas bem delimitadas no córtex cerebral que seriam individualmente responsáveis por funções psíquicas específicas: em outros termos, cada função psicológica – inclusive a função da linguagem – estaria localizada em uma determinada região cortical, sendo o produto das atividades desta. Seguindo este raciocínio, os distúrbios mentais nada mais seriam do que doenças cerebrais causadas por lesões anatômicas localizadas em regiões circunscritas do córtex cerebral. Ademais, como importante consequência epistemológica, a doutrina localizacionista implicava uma dissolução da psicologia na neurologia, visto que os fenômenos psíquicos seriam reduzidos a meros epifenômenos dos processos cerebrais e, poderiam, supostamente, ser totalmente elucidados a medida em que se conhecesse a organização e o funcionamento dos processos cerebrais e nervosos (FORRESTER, 1983).

Freud constatou que a investigação anatomofisiológica de sua época era insatisfatória tanto para a produção de uma teoria explicativa sobre os fenômenos psicopatológicos, quanto para o desenvolvimento de uma terapêutica que pudesse suprimir a sua sintomatologia. Muitos distúrbios psicopatológicos não apresentavam uma etiologia verificável a partir de experimentos anatômicos, sendo, nestes casos, classificados como distúrbios *funcionais*. Tal é o caso da histeria e das demais neuroses, cujas autópsias nos corpos dos pacientes acometidos por estes distúrbios não conseguiam identificar lesões cerebrais que justificassem uma etiologia

⁹ Apenas para citar alguns trabalhos em que Freud tece críticas diretas a Meynert: Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim (1886); Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico (1886); Prefácio à tradução de *De La Suggestion*, de Bernheim (1888-9); Resenha de *Hipnotismo*, de August Forel (1889); dentre outros.

localizacionista. Freud passou, então, a contestar a predominância da racionalidade anatomopatológica, o que resultou numa ruptura com as concepções neurológicas localizacionistas defendidas por Meynert, fazendo-o rumar em direção à escola neurológica francesa¹⁰. O próprio Freud se justifica:

[...] fui levado a refletir que nada de essencialmente novo poderia esperar aprender numa universidade alemã, depois de haver usufruído do ensino direto e indireto, em Viena, dos professores T. Meynert e H. Nothnagel. A escola francesa de neuropatologia, por outro lado, parecia-me prometer algo diferente e característico de sua maneira de trabalhar, além de haver ingressado em novas áreas da neuropatologia que não tinham sido abordadas de forma parecida pelos cientistas da Alemanha e da Áustria. Em decorrência da escassez de qualquer contato pessoal estimulante entre médicos franceses e alemães, as descobertas da escola francesa – algumas (sobre hipnotismo) deveras surpreendentes e outras (sobre histeria) de importância prática – foram recebidas, em nossos países, mais com dúvidas do que com reconhecimento e crédito; e os pesquisadores franceses, sobretudo Charcot, viram-se submetidos à acusação de terem uma reduzida capacidade crítica ou, pelo menos, de se inclinarem a estudar material raro e estranho e de dramatizarem seu trabalho com esse material. (FREUD, 1886a, pp. 39-40)

Entre os anos de 1885 e 1886, período em que realizou estágio no Hospital de *La Salpêtrière* em Paris junto a Charcot durante cerca de seis meses, Freud defrontou-se com uma abordagem dos distúrbios histéricos que conseguia controlar a sua sintomatologia por meio do método hipnótico e da sugestão verbal, mesmo que ainda não fosse possível alcançar uma cura definitiva. Isso levantava a hipótese de que a histeria não seria causada por lesões anatômicas no cérebro – contrariando a tese localizacionista –, mas poderia apresentar uma etiologia de tipos fisiológica e/ou psicológica, suposição que encaminhou Freud a um interesse maior pela investigação sobre as interações entre o corpo somático e a linguagem verbal. A definição de histeria apresentada por Freud na enciclopédia *Villaret* não deixa dúvida quanto à sua posição diante da insuficiência do método anatomopatológico:

A histeria é uma neurose no mais estrito sentido da palavra – quer dizer, não só não foram achadas nessa doença alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha a revelar alguma dessas alterações. A histeria baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso; sua essência deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade das diferentes partes do sistema

¹⁰ A escola neurológica francesa, então rival da tradição austro-alemã, atribuía uma ênfase maior à dimensão da clínica, tendo como principal interesse a identificação, a descrição e a classificação de novos fatos clínicos, mesmo a despeito das teorias anatômicas e fisiológicas existentes. Cf. Kaplan-Solms e Solms, 2002.

nervoso. Uma fórmula fisiopatológica desse tipo, no entanto, ainda não foi descoberta; por enquanto, devemos-nos contentar em definir a neurose de um modo puramente nosográfico [...] (FREUD, 1888c, p. 77)

Constatando a inadequação das teses localizacionistas no que concerne às neuroses, Freud enveredou, então, por uma investigação em que pudesse construir uma teoria neuropsicológica satisfatória para os fenômenos psicopatológicos histéricos, assim como entender os efeitos da linguagem falada na produção e no controle da sintomatologia, tal como verificado a partir da experiência clínica com Charcot, sem descartar, porém, o naturalismo no qual foi formado – tal como assevera a sua tentativa de realizá-la com o *Projeto* em 1895. Contudo, isto somente poderia ser realizado partindo da construção de uma teorização sobre a linguagem capaz de superar as limitações e os impasses do localizacionismo, visto que era através da fala e do campo da linguagem que se havia verificado alguma eficácia terapêutica ao se introduzir representações externas no sistema nervoso do paciente. Estavam assim definidas as temáticas a serem investigadas que dariam origem à problemática inaugural do discurso freudiano.

Por um lado, Freud dedicou-se à investigação dos distúrbios afásicos e as relações entre o cérebro e a linguagem enquanto função psíquica. Trabalhos como *Aphasia* (1888a), *Brain* (1888b) e *Sobre a concepção das afasias* (1891) tinham como objetivo a elaboração de uma crítica ao localizacionismo cerebral estrito, identificando e rejeitando os seus pressupostos epistêmico-metodológicos – *empirismo (sensorialismo)*, *elementarismo (atomismo psicológico)*, *epifenomenalismo* e *realismo ingênuo* (BIRMAN, 1993) –, e a sua devida substituição com a elaboração de um modelo neurológico de caráter integrativo, evolutivo e dinâmico-funcional, influenciado principalmente pelas concepções do neurologista britânico John Hughlings Jackson.¹¹ Uma das finalidades destes trabalhos neurológicos consistia na pavimentação do caminho para a construção de uma psicologia científica e naturalista, a qual pudesse fornecer uma adequada fundamentação teórica para a psicopatologia, sobretudo dos distúrbios histéricos e neuróticos. As principais teses construídas nestes trabalhos neurológicos estão presentes na metapsicologia, constituindo o seu solo teórico-conceitual.

Em outra frente, trabalhos de psicopatologia clínica investigavam as histerias e demais neuroses, a hipnose, a sugestão verbal e a psicoterapia, procurando elucidar de que maneira seria possível que, através da fala, produzissem-se e/ou se suspendessem determinados efeitos

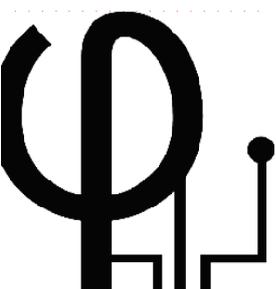
¹¹ Em *Sobre a concepção das afasias* (1891), Freud se refere diretamente a influência que Hughlings Jackson exerceu sobre sua crítica ao localizacionismo: “[...] este pesquisador, de cujas ideias eu parto em quase todos os comentários precedentes para com sua ajuda questionar a teoria localizacionista dos distúrbios da linguagem” (FREUD, 1891, p. 85).

ou sintomas no corpo. Este é um problema que sempre deixou Freud intrigado, podendo ser situado no âmago da elaboração psicanalítica, visto que este afirmava a urgência de procurar por um *elo* entre os fenômenos somáticos (fisiológicos) e os psicológicos, uma vez tendo reconhecido a reciprocidade na interação entre estes dois registros. Em *Prefácio à tradução de De La Suggestion, de Bernheim* (1888-9), Freud afirma que:

[...] devemos concordar com Bernheim em que a divisão dos fenômenos hipnóticos em fenômenos fisiológicos e fenômenos psíquicos deixa muito a desejar: *precisa-se urgentemente de um elo que vincule as duas espécies de fenômenos*. [...] a sugestão possui uma vantagem sobre os fenômenos fisiológicos, de vez que seu modo de atuação é incontestável e relativamente claro, ao passo que não temos maiores conhecimentos das influências mútuas da excitabilidade nervosa, da qual derivam os fenômenos fisiológicos. [...] espero poder dar algumas indicações do *elo de ligação* [sic] *entre os fenômenos psíquicos e fisiológicos* da hipnose, que estamos pesquisando. (FREUD, 1888-9, p. 118, *grifos nossos*)

Se sempre foi evidente que alterações somáticas (fisiológicas) causam modificações no psiquismo, de modo semelhante é possível constatar que a introdução de *palavras* (ideias ou representações) a partir da sugestão verbal também produz alterações no nível do corpo somático, tal como Freud observou fartamente quando da utilização da hipnose no tratamento da histeria e demais neuroses. Para Freud, a interação do corpo com o psíquico não poderia ser tratada tão somente a partir de uma causalidade mecânica com a prevalência do somático, mas estava evidente a existência de uma interação mútua entre os dois registros – o que tinha como resultado a recusa do *epifenomenalismo* localizacionista. Com efeito, as investigações neuropsicológicas sobre as afasias, com a consequente crítica da doutrina localizacionista, revela-se importante no interior da obra freudiana por pavimentar uma via de acesso a uma teorização mais adequada ao problema das neuroses e histerias, pois buscava explicar de que maneira os processos somáticos neurofisiológicos se articulavam e/ou interagem com a dimensão psicológica das representações.

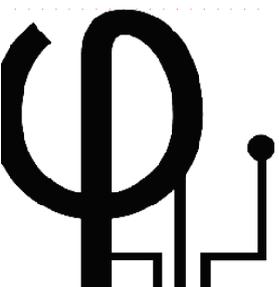
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PULSÃO COMO CONCEITO METAPSICOLÓGICO FUNDAMENTAL E O ENCONTRO ENTRE A BIOLOGIA E A CULTURA



Após realizar este breve percurso pelo itinerário freudiano, podemos concluir que foi o interesse por uma reflexão sobre a dimensão do *sentido*, resultando na formulação de uma problematização sobre o *ser da linguagem*, assim como a tentativa de construir um modelo teórico que pudesse abordar as *interações entre o cérebro e o psíquico* intermediadas pelo campo da linguagem – entendendo este último como situado numa dimensão exterior tanto ao natural quanto ao psicológico –, que permitiram a Freud a delimitação do campo psicanalítico na fronteira e/ou interseção com um conjunto de disciplinas (neurologia, psicologia, hermenêutica, linguística etc.), mas sem jamais poder ser confundido com nenhuma delas. Com efeito, ao considerarmos a problemática inaugural em Freud, entendemos que a metapsicologia não poderia ser destituída de seus pressupostos naturalistas, dando lugar a uma *teoria pura da linguagem*, assim como também não nos parece pertinente a sua completa substituição por uma linguagem conceitual tomada inteiramente da neurobiologia ou das ciências cognitivas contemporâneas que desconsidere a presença fundamental de uma teorização sobre a dimensão do sentido. Aqui é necessário destacar o caráter fundamental dos conceitos freudianos de *representação (Vorstellung)* e *pulsão (Trieb)*, os quais estão entrelaçados de tal maneira no interior da metapsicologia que não conseguiriam sobreviver conceitualmente de forma independente. A sua disjunção acarretaria no risco de produzir uma descaracterização dos mesmos, resultando em sua forclusão do campo psicanalítico:

- a. a *representação* recaindo nos campos da subjetividade psicológica moderna, da linguística estrutural ou mesmo numa espécie de antropologia filosófica;
- b. a *pulsão* sendo confundida com o *instinto* da biologia e/ou etologia.

Portanto, é necessário retomar um exame mais minucioso dos conceitos de pulsão e de representação, tal como Freud os formulou em sua metapsicologia, a fim de melhor elucidarmos o seu pertencimento mútuo. A estes dois, acrescentamos o conceito de afeto, presente desde os trabalhos clínicos pré-psicanalíticos, e que pode ser definido como processos provavelmente de origem físico-química que ativam as representações – os conjuntos de redes neuronais –, de modo a possibilitar a emergência da representação no psíquico. É, pois, do encontro destes dois elementos (o afeto somático e a representação em suas valências psicológica e neurológica), que surge o conceito de pulsão. Numa famosa passagem de *As pulsões e seus destinos* (1915),



Freud define a pulsão como um conceito fronteiro entre o somático e o psíquico¹² ou, se assim preferirmos, entre o biológico e o cultural. É neste sentido que Birman assinala:

[...] a afirmação decisiva de que a pulsão seria um conceito *limite*, situado entre o psíquico e o somático, implica dizer que a pulsão, em si mesma, não se inscreveria nem no registro do psíquico nem no registro do somático, mas que estaria justamente no limite *entre* os dois. Esse comentário inicial se desdobra necessariamente num outro a que está intimamente conjugado, isto é: o conceito de pulsão não se inscreve no discurso da psicologia, tampouco no da biologia. Seria justamente por isso que a pulsão seria um conceito eminentemente metapsicológico, com o perdão do pleonasma. (BIRMAN, 2021, pp. 92-93)

Ao identificar a doutrina da pulsão como a teorização central da psicanálise, para além de um pertencimento ao domínio das ciências da natureza, Freud localiza, portanto, a psicanálise como um campo de saber situado justamente nesta interseção entre a biologia e a cultura.

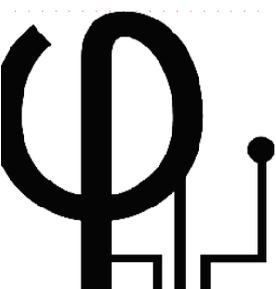
Isto posto, estamos inclinados a pensar que a investigação epistemológica do pensamento freudiano poderia contribuir sensivelmente com o debate contemporâneo em torno das três problemáticas contemporâneas acima elencadas – a querela metodológica, o problema filosófico da linguagem, as relações cérebro-mente –, produzindo-se diálogos bastante férteis com outras disciplinas e campos de pesquisa. Para finalizar, gostaríamos de destacar alguns destes campos abaixo:

- a. A elucidação das relações estabelecidas por Freud entre o naturalismo e as teorizações no campo da linguagem e do sentido poderia lançar uma série de questões para a epistemologia contemporânea, considerando que poderíamos vislumbrar uma superação da *dicotomia entre ciências naturais e humanas* e o estabelecimento de novos modelos de inteligibilidade, respeitando as particularidades de cada disciplina. O *método híbrido* freudiano serviria, portanto, como um modelo exemplar para o fomento de pesquisas mais aprofundadas na área.
- b. Considerando que muitas teses metapsicológicas freudianas têm sido confirmadas pelos métodos experimentais na área das neurociências contemporâneas, as aproximações entre a psicanálise, as neurociências e a filosofia da mente poderiam ser ainda mais estreitadas, uma vez que a elucidação das articulações freudianas entre o naturalismo e o campo do sentido poderia contribuir com o preenchimento de possíveis lacunas

¹² Citemos a referida passagem a seguir: “Voltando-nos agora do lado biológico à observação a partir da vida anímica, então nos aparece a ‘pulsão’ como um conceito fronteiro entre o anímico e o somático, como representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (FREUD, 1915, pp. 23-25).

nestes outros campos e vice-versa, estimulando o intercâmbio entre suas pesquisas. Neste sentido, há ao menos três décadas realiza-se um esforço conjunto de pesquisadores da psicanálise e das ciências cognitivas buscando promover um diálogo e uma integração entre teses e métodos destes campos. Dentre estas produções, destacamos os trabalhos da neuropsicanálise de Solms e da neurociência afetiva de Panksepp (1998).

- c. As teorizações desenvolvidas por Freud sobre a linguagem, relacionando o campo do sentido com o registro corporal/energético, poderiam ser aproximadas dos estudos contemporâneos realizados pela filosofia da linguagem e da linguística, mas também de campos como a sociologia, a antropologia e a hermenêutica, uma vez que estaria demonstrada a indissociabilidade dos registros natural e simbólico no que concerne ao fenômeno humano.
- d. Por fim, uma elucidação de como os registros do natural e do sentido se relacionam em Freud permitiria um incremento da técnica psicanalítica, uma vez que propiciaria um melhor entendimento do modo como as interpretações e intervenções no plano simbólico da clínica afetariam e interagiriam com o registro orgânico-cerebral. Sem dúvida, este discernimento proporcionaria uma articulação mais proveitosa entre a psicanálise, as terapêuticas biológicas e a psicofarmacologia, possibilitando uma interação terapêutica mais eficaz, uma vez explicitadas as interseções epistemológicas que fundamentam estas técnicas.



REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Franz. *Fundamentos da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1976.
- ASSOUN, Paul-Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BEZERRA JR., Benilton. *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- BIRMAN, Joel. *Ensaio de teoria psicanalítica, 1ª parte: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- BIRMAN, Joel. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BINSWANGER, Ludwig. *Discours, parcours, et Freud: Analyse existentielle, psychiatrie clinique et psychanalyse*. Paris: Gallimard, 1970.
- CANGUILHEM, Georges. O cérebro e o pensamento. *Natureza Humana*, Campinas, v. 8, n. 1, 2006, p. 183-210. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000100006&lng=pt&nrm=iso>.
- CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DALBIEZ, Roland. *O método psicanalítico e a doutrina de Freud*. 2 volumes. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1947.
- FORRESTER, John. *A linguagem e as origens da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- FREUD, S. (1886a). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 39-49.
- FREUD, S. (1886b). Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histórico. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 61-68.
- FREUD, S. (1888a). Aphasia. In: SOLMS, Mark; SALING, Michael (Orgs.). *A moment of transition: Two neuroscientific articles by Sigmund Freud*. London: The Institute of Psycho-Analysis, 1990, pp. 31-37.
- FREUD, S. (1888b). Brain. In: SOLMS, Mark; SALING, Michael (Orgs.). *A moment of transition: Two neuroscientific articles by Sigmund Freud*. London: The Institute of Psycho-Analysis, 1990, pp. 39-86.
- FREUD, S. (1888c). Hysteria. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 73-94.
- FREUD, S. (1888-9). Prefácio à tradução de *De La Suggestion*, de Bernheim. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 111-124.
- FREUD, S. (1889). Resenha de *Hipnotismo*, de August Forel. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 129-140.
- FREUD, S. (1891). *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2013.
- FREUD, S. (1883-1885). Estudos sobre a histeria. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 53-66.
- FREUD, S. (1895). *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

- FREUD, S. (1913). O interesse científico da psicanálise. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*: Edição standard brasileira, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 175-198.
- FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*: Edição standard brasileira, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 81-108.
- FREUD, S. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- FREUD, S. (1916-1917). Conferências introdutórias sobre a psicanálise. In: FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*: Edição standard brasileira, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- FREUD, S. (1938-1940). *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- HEIDEGGER, M. *Seminários do Zollikon*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2009.
- HYPOLITE, Jean. *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbres Editores, 1989.
- JAPIASSU, Hilton. *Psicanálise: ciência ou contraciência?* 2. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998.
- KAPLAN-SOLMS, Karen; SOLMS, Mark. *O que é a neuro-psicanálise: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise*. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- LEBRUN, G. A ideia da epistemologia. In: LEBRUN, G. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- LOPARIC, Zeljko. A máquina no homem. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R. T. (Orgs.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.
- MEZAN, Renato. *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MONZANI, Luiz Roberto. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas. In: PRADO JR., B (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PAES DE BARROS, Carlos. Contribuição à controvérsia sobre o “Ponto de Vista Econômico”. *Cadernos do Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, n. 3, 1998, p. 53-89.
- PANKSEPP, Jaak. *Affective neuroscience: the foundations of human and animal emotions*. New York: Oxford University Press, 1998.
- POLITZER, Georges. *Crítica dos fundamentos da psicologia I*. 2. edição. Lisboa: Editorial Presença, 1975.
- POPPER, Karl Raymund. *Conjecturas e refutações*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- PRIBRAM, Karl.; GILL, Merton. *O projeto de Freud: uma reavaliação*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- RAPAPORT, David. *A estrutura da teoria psicanalítica*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- RIBEIRO, Osvaldo Marba. *Psicanálise: bases neurofisiológicas*. São Paulo: Escuta, 2010.
- RICOEUR, Paul. *Escritos e conferências I: em torno da psicanálise*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- SIMANKE, Richard Theisen. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, 2009, p. 221-35. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>.
- SIMANKE, Richard Theisen; CAROPRESO, Fátima. A metáfora psicológica de Sigmund Freud: neurologia, psicologia e metapsicologia na fundamentação da psicanálise. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 9, n. 1, 2011, p. 51-78. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-31662011000100004>.

SOLMS, M.; SALING, M. *A moment of transition: Two neuroscientific articles by Sigmund Freud*. London: The Institute of Psycho-Analysis, 1990.

SOUSSUMI, Y. Tentativa de integração entre algumas concepções básicas da psicanálise e da neurociência. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2006, p. 63-82. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652006000100006>.

SULLOWAY, Frank J. *Freud, biologist of the mind: beyond the psychoanalytic legend*. New York, EUA: Basic Books, Inc., Publishers, 1992.

